

## A RESSIGNIFICAÇÃO DO PAPEL FEMININO NA SOCIEDADE ATRAVÉS DOS CONTOS DE FADAS “A BELA ADORMECIDA” E “MALÉVOLA”

<https://dx.doi.org/10.59068/24476137malevola>

**Carolina Osorio**

*carolinaosorio.psi@gmail.com*

*@psi.carolcosorio*

Bacharel em psicologia pela Universidade Franciscana (UFN) Especialista em Clínica Psicanalítica Universidade Franciscana (UFN). Psicóloga no Espaço Crear

**Cristiane Bottoli**

*cbottoli@hotmail.com*

Mestra em psicologia da saúde pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Possui Especialização em Desenvolvimento Infantil pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Psicóloga do Consultório de Psicologia e Docente da Universidade Franciscana (UFN).





**A RESSIGNIFICAÇÃO DO PAPEL FEMININO NA SOCIEDADE ATRAVÉS  
DOS CONTOS DE FADAS “A BELA ADORMECIDA” E “MALÉVOLA”**

**THE RESIGNIFICATION OF THE ROLE OF WOMEN IN SOCIETY THROUGH  
THE FAIRY TALES "SLEEPING BEAUTY" AND "MALEFICENT"**

**EL REPLANTEAMIENTO DEL ROL FEMENINO EN LA SOCIEDAD A  
TRAVÉS DE LOS CUENTOS DE HADAS: “LA BELLA DURMIENTE” Y  
“MALÉFICA”**

**RESUMO**

Este artigo tem como objetivo analisar como a arte, neste caso os filmes, podem empoderar mulheres quando a história passa a ser contada por elas e não mais por homens, através de uma pesquisa inicialmente bibliográfica que buscou trazer elementos sobre como se deu essa mudança de perspectiva e após uma pesquisa documental baseada nos filmes: A bela Adormecida (1959) e Malévola (2014), da Disney, sendo um deles uma releitura feita anos após o primeiro. Para assim então apontar como, com o passar dos anos, a história que antes era apenas contada por homens, começa a mudar a perspectiva do que é ser mulher para a sociedade no momento em que a mesma pode escrever a sua história. E como essa mudança pode modificar aos poucos a cultura patriarcal trazendo representatividade para as meninas não ficarem só a espera de um príncipe para salvá-las.

**Palavras-chaves:** Arte; Psicanálise; Feminino.

## ABSTRACT

This paper aims to analyze how art, in this case films, can empower women when the story is told by them and not by men, initially through a bibliographical research that brought elements about how this change of perspective has happened and, after that, with a documentary research based on films: *Sleeping Beauty* (1959) and *Maleficent* (2014), both from Disney, the latter being a remake made years after the former. So that it could be possible to point out how, over the years, the story that was used to be told by men, starts to change the perspective of what it is like to be a woman in society when she can write her own story. And how this can slowly modify the patriarchal culture bringing representativeness so that girls will not just wait for a prince to save them.

**Keywords:** Art; Psychoanalysis; Feminine

## RESUMEN

El objetivo de éste artículo es analizar cómo a través del arte, en éste caso, películas, le dan poder a las mujeres; cuando la historia es contada por ellas y no por los hombres. A través de una investigación bibliográfica que buscó traer elementos sobre cómo se dió ese cambio de perspectiva y luego de una documentada investigación basada en las películas: *La bella durmiente* (1959) y *Maléfica* (2014) de Disney, siendo el último una nueva lectura del primero, años después, para señalar entonces que con el paso de los años, la historia, antes contada por hombres comienza a cambiar la idea de ser mujer para la sociedad a partir del momento en que la mujer escribe su propia historia y cómo de a poco se ha ido modificando la cultura patriarcal, brindando seguridad y poder a las niñas para dejar de esperar al príncipe que vendría un día, a rescatarlas.

**Palabras-claves:** Arte; Psicoanálisis; Femenino

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema compreender de que maneira o papel da mulher modificou-se ao longo da história da humanidade. Especialmente, de que forma esse comportamento que, a princípio, está diretamente ligado à história tradicionalmente contada por homens, uma vez que somente eles tinham acesso à educação formal, foi alterado, dando voz ao protagonismo da mulher. Neste contexto, observou-se que o conceito de feminino e conseqüentemente a pressuposição do conceito de mulher, bem como da delimitação da sua representação social, foi criado a partir da perspectiva masculina.

Partindo desta premissa, buscou-se em alguns registros históricos vinculados à arte, tais como livros e filmes, compreender e relacionar como a perspectiva do conceito de ser mulher se transformou ao longo do tempo culminando com o fato da história ser narrada sob o ponto de vista da mulher. Ou seja, observar a relação existente entre a mudança de papel da mulher na sociedade e a condição de poder falar em nome próprio, narrando a própria história.

Este trabalho objetivou analisar, através da psicanálise, a função das mulheres na sociedade ao longo dos anos a partir de dois recortes cinematográficos, entendendo a história do feminismo na função das mulheres através das gerações e compreendendo a repercussão da arte na estruturação das mulheres, através da análise de dois filmes da Disney, *A Bela Adormecida* (1959) e *Malévola* (2014).

A psicanálise se vale da arte para tentar buscar respostas no papel social, e a partir disso a cultura participa significativamente na subjetividade de cada mulher. Percebendo como a cultura estrutura uma forma de comportamento aceitável ou não para o lugar da mulher, e como ao longo dos anos esse discurso vai mudando, dando a mulher uma maior participação ao contar sua história. Tirando do foco a história contada apenas por homens do que é ser uma mulher ideal, e como isso interfere na função da mesma perante a sociedade no decorrer dos anos.

Na história da humanidade, a mulher branca, de classe média alta, principalmente em meados da década de 1940, nos Estados Unidos, foi narrada de puritana sem desejos, dona do lar, através de um conceito de mística feminina onde Betty Friedan (1963) faz um longo estudo sobre as mulheres estadunidenses da época, chamado “A Mística Feminina” no qual pontua que essa mística diz às mulheres que a coisa mais valiosa seria elas estarem comprometidas com a realização da sua própria feminilidade. Mostra que “a feminilidade começa em casa”, “talvez o mundo seja dos homens”, entre outras manchetes semelhantes dos jornais da época, colocando a mulher em segundo plano. Desta forma, tentar entender como a mulher vem se tornando mais “dona de si” e como a arte tem papel fundamental nisso, é objetivo deste trabalho. Para isso, faz-se necessário buscar na psicanálise elementos para entender como se dá essa construção do feminino e como a arte, seja ela através da literatura, das novelas ou dos filmes contribui ou não para a formação do lugar da mulher na sociedade.

Como essa história, que foi contada através dos anos por homens, fortalecendo machismo e misoginia, faz com que as mulheres ainda sofram, e como a mesma história contada pela perspectiva da mulher, pode empoderar e encorajar mulheres atualmente? Neste sentido, este trabalho buscou através da análise de dispositivos de arte, como os filmes, analisar a construção do papel social da mulher numa perspectiva histórica.

## **HISTÓRIA DO FEMINISMO E HISTÓRIA DAS MULHERES: INFLUÊNCIA SOBRE O PAPEL DAS MULHERES NA SOCIEDADE**

Neste item, será tratada a questão histórica do movimento feminista, e como ele ao longo dos anos, contribuiu com a autonomia da mulher numa sociedade machista, onde o patriarcado é predominante. Como a história contada por mulheres traz um novo olhar e significado do que é ser mulher, e como o feminismo tem papel fundamental para a emancipação da mulher.

Segundo Maria Rita Kehl (2008) a língua com sua estrutura, suas práticas e convenções, é a expressão mais importante da herança simbólica que o sujeito recebe ao nascer, independentemente de qualquer possibilidade de escolha. A fala e a linguagem estruturam a narrativa do ser e ela vai se modificando com o tempo, sendo assim a história contada por homens, desapropria a mulher da sua história.

Conforme Caffé (2020) nos séculos XVII e XVIII existia um tribunal eclesiástico instituído pela igreja católica, chamado inquisição, onde procuravam investigar e julgar sumariamente pretensos hereges e feiticeiros, acusados de crimes contra a fé católica, entre eles muitas mulheres, as quais foram chamadas de bruxas. Essa autora, ao comentar o pensamento da filósofa Silvia Federici, aponta que a perseguição às bruxas visava enfraquecer os movimentos populares revolucionários e, principalmente, confiscar, controlar e disciplinar o corpo da mulher.

Para as autoras supracitadas o tráfico de mulheres e a caça às bruxas são dispositivos históricos que instituíram diversas formas de opressão e desvalorização da mulher. Anos depois, a Revolução Capitalista parte quase do mesmo princípio, pois é um movimento misógino e patriarcal que declara guerra à mulher, fazendo ela se submeter ao trabalho da casa e da maternagem, trabalho esse não pago.

A partir destas premissas, entende-se que a igreja sempre foi um dispositivo que regulou a vida das mulheres, como afirma Pinto (2010):

A Inquisição da Igreja Católica foi implacável com qualquer mulher que desafiasse os princípios por ela pregados como dogmas inofismáveis. Mas a chamada primeira onda do feminismo aconteceu a partir das últimas décadas do século XIX, quando as mulheres, primeiro na Inglaterra, organizaram-se para lutar por seus direitos, sendo que o primeiro deles que se popularizou foi o direito ao voto (p. 15).

Para Calligaris (Homem & Calligaris, 2019) o cristianismo fez da mulher o símbolo do descontrole possível do corpo do homem. Conseguir esse autocontrole se transformou em conseguir controlar a mulher, evitando assim a tentação que ela representa. O autor complementa dizendo que cada vez que uma escola ou uma repartição pública proíbe as mulheres de usar roupas, supostamente sexy, se trata de exercer nela o autocontrole masculino.

Pode-se diferenciar três tipos de mulheres através dos séculos: a primeira, mulher do século XIX, é uma mulher desvalorizada e desprezada por homens, excluída socialmente, acreditando-se que causava mal e desordem; a segunda, no século XX, encontra-se enaltecida, idolatrada, um ideal de bondade e sensibilidade, porém ainda subalterna do homem; atualmente está a terceira mulher, que deixa de ser um produto da lógica patriarcal masculina, e passa a ser um sujeito político indeterminado, tendo o governo de si mesma, não sendo mais regida por uma ordem social patriarcal. Porém, mesmo na terceira mulher os homens ainda mantêm sua “superioridade” nos postos de trabalho, salário e na vida política.

Para Maria Rita Kehl (2008) a adequação das mulheres a estas funções foi fruto de uma enorme produção discursiva, fazendo parte do imaginário social moderno, onde os homens constroem a feminilidade, sendo o único lugar digno para a mulher o lar e, a tarefa mais valiosa, a maternidade. A fragilidade das mulheres foi um forte argumento contra a profissionalização, contra a exposição das mulheres ao tumulto das ruas e à vida noturna, contra quase todos os esforços físicos, contra o abuso nos estudos, contra os excessos sexuais. Nas inferências de Kehl (2008), sobre Yvonne Knibiehler ela cita, "A mulher do século XIX é uma eterna doente" (p.62).

Mary Del Priore (2020), refere que no Brasil a ignorância em que as mulheres eram mantidas foram alvo de críticas de estrangeiros, vindos de outros países, onde a diferença de educação entre os gêneros quase não existia mais. Como por exemplo o minerador britânico Jonh Mawe, que acusava a falta de educação e de recursos de espírito, além de conhecimentos superficiais, das mulheres. O foco na vida doméstica e o escravismo só agravavam o ritmo lento e pouco imaginativo que se desenrolava a vida das mulheres no Brasil. Porém apesar do retrato negativo, esse foi um momento em que as mulheres ocuparam um lugar decisivo, o do texto, literário ou político, fazendo da caneta a maneira em que ganhavam a vida.



Del Priore (2020) aponta que as novelas eram o grande sucesso entre as mulheres da família imperial e mulheres leitoras, e esse sucesso é notório até a atualidade, uma vez que o maior público consumidor das novelas continua sendo o feminino. Em 1852 foi criado o jornal das senhoras, escrito por mulheres, com muita atenção das mesmas e gerou ação também, pois apontavam a opressão que elas sofreram ao longo do tempo. Ana Aurora do Amaral Lisboa e Andradina América de Andrade e Oliveira foram de suma importância, para abrir os olhos do sexo considerado frágil, elogiando o feminismo, fazendo com que os textos sobre feminismo se multiplicassem pelo Brasil principalmente nas primeiras décadas do século XX.

Assim, nos anos 30 a sociedade se feminizava, sendo um período de confusão entre as fronteiras de gênero, onde as mulheres começaram a assumir lugares que eram tradicionalmente dos homens. Porém, ainda havia muito por conquistar, como por exemplo o direito ao voto, mas não apenas isso, pois a mulher ainda era vista como sem desejos e mulher do lar. Gilka Machado foi uma escritora que falava sobre a opressão das mulheres e o desejo feminino. Maria Lacerda de Moura manifestava-se a favor da educação sexual e contra a moral vigente, criticava a relação da mulher com o próprio corpo, os homens, a família e o trabalho. Temas até então não muito explorados, sendo falados de uma mulher para outras mulheres (Del Priore, 2020).

Ainda no pensamento de Del Priore (2020) há na história do Brasil durante esses anos, muitas mulheres que lutaram pelos seus direitos, e fizeram isso também através da literatura e da arte. Cristina Wolff (2012) aponta que talvez a maior conquista das jovens feministas dos anos 1970 e 1980 tenha sido o reconhecimento de outras maneiras de ser mulher, para além das funções de esposa, mãe e dona de casa.

Del Priore (2020) reforça que o caminho a percorrer é longo, a igualdade não será atingida sem enfrentar o que restou da cultura patriarcal, sem colocar em discussão o masculino com critério de superioridade. O patriarcado só perderá sua legitimidade pelo abandono da agressividade, da violência, do sexismo e da dominação por parte de homens, que estão também vivendo intensas mudanças.

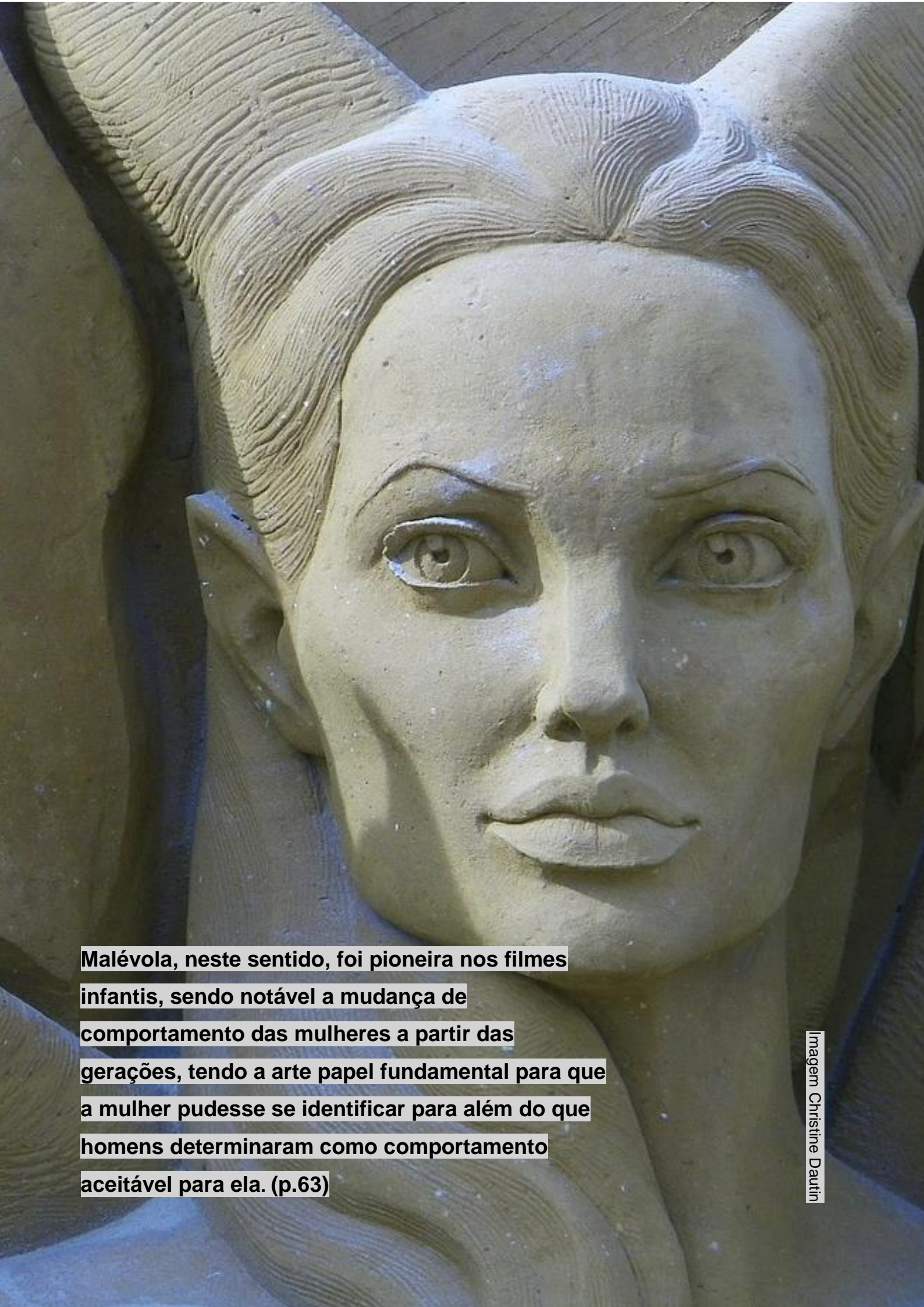
Neste tópico, foram mencionados vários aspectos da luta feminista durante os anos, focando no Brasil, mostrando também como muitos feitos das mulheres durante as décadas se deram através da literatura, e como ao longo dos anos o protagonismo foi sendo maior. Histórias agora sendo contadas por mulheres, reivindicando direitos, assuntos antes não falados, mostrando a mudança que se fez na história a partir das histórias agora contadas de uma perspectiva feminina, deixando aos poucos de ser contada por homens, que por muitos anos, definiram o que era ser mulher.

## **SER MULHER PARA A PSICANÁLISE**

A seguir será tratado como se dá, na perspectiva da psicanálise, a formação do ser mulher e a relação da mesma com o feminismo, perpassando por reflexões sobre a sexualidade e a feminilidade. Pretende-se abordar como a psicanálise define a concepção de mulher e do papel feminino na sociedade, dentro de um contexto social e histórico.

A partir disto, Kehl (2008) traz uma reflexão sobre os aspectos referentes à constituição da sexualidade humana em geral. E neste contexto ela menciona uma afirmação de Wollstonecraft, que apresenta a sexualidade humana como independente do sexo. Para ele, “(...) não existe sexo nas almas (...)” (p.56). Esta afirmação causou controvérsia na sociedade da época, porque poucas mulheres concordavam. Kehl (2008) apresenta o pensamento da feminista Frances Wright, mencionando que a mente não tem sexo, a não ser aquele que a cultura lhe impele.

Assim, o ajuste das mulheres perante a feminilidade não é perfeito e não se dá sem um conflito, pois essa posição de “outro do discurso” é impossível de se sustentar ao longo de uma vida. O mito do mistério feminino se deu através da domesticação das mulheres, os homens, com medo da magnitude que a educação poderia dar às mulheres, reafirmam seu papel como esposa e mãe, como sendo único possível (Kehl, 2008).

A close-up photograph of a stone sculpture of a woman's face, likely from an ancient Egyptian or Greek civilization. The woman has a serene expression, with large, almond-shaped eyes and a slight smile. Her hair is styled in a large, ornate headdress with a prominent, curved, ribbed element on top. The sculpture is made of a light-colored stone, possibly limestone or marble, and is set against a dark background.

**Malévola, neste sentido, foi pioneira nos filmes infantis, sendo notável a mudança de comportamento das mulheres a partir das gerações, tendo a arte papel fundamental para que a mulher pudesse se identificar para além do que homens determinaram como comportamento aceitável para ela. (p.63)**

No pensamento de Kehl (2008), para pais, maridos e educadores, era mais conveniente a mulher se manter ignorante, logo, inocente sexualmente e maleável socialmente. Pois assim, ela é sujeito do desejo do homem, e é sempre objeto. Buscando na aposta do amor de um homem, um meio de encurtar o caminho entre a posição feminina e a posição de sujeito na mulher. Desta forma, um século de psicanálise e pelo menos dois séculos da literatura moderna, produziram deslocamentos subjetivos não somente entre as mulheres.

Na concepção de Simone de Beauvoir (1980), os psicanalistas definem o homem como ser humano e a mulher como fêmea, e toda vez que a mulher se conduz como ser humano afirmam que ela está imitando o macho. Logo, ela afirma que para ela a mulher define-se como ser humano em busca de valores no seio de um mundo de valores, esse mundo no qual a estrutura econômica e social é indispensável conhecer, e deve ser estudada numa perspectiva existencial através de sua situação total.

Ainda para Kehl (2008), a fantasia sobre a realidade, falta de ousadia e de capacidade empreendedora, passividade, entre outros, eram traços que compunham o personagem feminino nos padrões do século XIX. Após, ela questiona o que estava acontecendo com as mulheres, no momento da passagem para a modernidade, quando foi criada a psicanálise.

Neste sentido, toda mulher em transição para a modernidade teria sido bovarista, empenhada pela via imaginária em "tornar-se uma outra" e, ao mesmo tempo, capturada em uma posição na trama simbólica de completa dependência em relação ao que o homem poderia desejar dela (p. 172).

Como aponta Maria Rita Kehl (2008) o bovarismo surge como um sintoma, como a busca de uma solução de compromisso para o ser da mulher; mudar de vida e protagonizar a sua própria história sendo autora desta, em um lugar que lhe possibilite autonomia e manejo para realização dos seus projetos pessoais. A mulher que foi considerada histórica por dizer ao seu médico coisas além do seu tempo, fundou a psicanálise.

Para Simone de Beauvoir (1980) no que diz respeito à mulher, a recusa envergonhada da sua feminilidade se dá por um complexo de inferioridade, não pela ausência do pênis, e sim um conjunto da situação. Não é o falo que a menina inveja, e sim esse símbolo dos privilégios concedidos aos meninos, o lugar que o pai ocupa na família, a preponderância universal dos machos, a educação, tudo que confirma a ideia da superioridade masculina.

No pensamento de Maria Rita Kehl (2008) se a produção psicanalítica contemporânea não puder acompanhar estes deslocamentos, a psicanálise deixará de fazer sentido. A psicanálise nasceu para dar voz ao emergente e não para corroborar a tradição. Na atualidade outras mulheres podem estar demandando novas escutas, que possibilitem constituir a mulher não como histórica e sim como sujeitos em busca de um discurso próprio para assim escrever um destino diferente.

Neste contexto Beauvoir (1980) refere-se à Psicanálise como uma corrente teórica que só conseguiria encontrar sua verdade a partir do contexto histórico. Por isso, ela menciona o conceito sobre a mulher como sendo do campo de uma estruturação e não de algo que está dado. Em suas palavras, “assim como não basta dizer que a mulher é uma fêmea, não se pode defini-la pela consciência que tem de sua feminilidade; toma consciência desta no seio da sociedade de que é membro” (p. 69).

Em relação a esta questão da feminilidade, Iannini e Tavares (2020), em contribuição às publicações das Obras Incompletas de Freud, observam que o tema da sexualidade feminina foi intensamente debatido pela comunidade psicanalítica dos anos 1920-1930. Especialmente por psicanalistas mulheres, que tinham engajamentos sociais e políticos variados e com experiências diversas, que tiveram um papel decisivo na participação em congressos e publicações da época nos debates e enfrentamentos com a doutrina freudiana. Esse mesmo debate sobre a sexualidade feminina dividia as escolas entre matriz inglesa e vienense com posições contrastantes. Segundo estes autores, Freud reconheceu de bom grado o papel das analistas mulheres no debate.

Os psicanalistas acima mencionados, fazem alusão à famosa frase de Simone de Beauvoir, "Não se nasce mulher. Torna-se mulher", trazendo que quase duas décadas antes Freud teria contribuído abrindo o terreno com a seguinte frase, "corresponde a singularidade da psicanálise não querer descrever o que a mulher é - isto seria para ela uma tarefa quase impossível de resolver - mas sim, pesquisar como ela se torna mulher" (Iannini & Tavares, 2020, p.317). Frases essas que foram fundamentais e serviram de bandeira para as lutas de emancipação da mulher.

Para Freud (1856-1939/2020), as funções de cuidar da prole que parecem ser femininas por excelência, não são apenas do sexo feminino nos animais, os sexos se dividem nas tarefas de cuidado da prole ou o próprio macho se dedica sozinho a ela. Aponta também que tanto homens quanto mulheres são bissexuais no sentido psicológico, porém deve se atentar que as influências das normas sociais não sejam subestimadas, pois em sua grande maioria forçaram a mulher para situações passivas. Freud (1856-1939/2020) aponta que "só existe uma libido, que está a serviço tanto da função sexual masculina quanto da feminina, a ela própria não podemos atribuir nenhum sexo" (p. 337).

Desta forma, é atribuída à feminilidade um grau maior de narcisismo, que influencia também a sua escolha por um objeto, levando a necessidade de ser amada como mais importante que amar. A escolha do desejo feminino muitas vezes é irreconhecível por conta das circunstâncias sociais. Ela pode seguir livremente o ideal narcísico do homem que a menina desejou ser ou, a menina que permanecer na ligação com o pai (complexo de Édipo), assim escolherá um tipo como o pai. Nas palavras de Freud (1856-1939/2020),

A fase de ligação pré edípica é decisiva para o futuro da mulher; nela se prepara a aquisição daquelas qualidades que lhe bastarão para mais tarde cumprir seu papel nas funções sexuais e para bancar suas inestimáveis tarefas sociais (p. 340).

Maria Rita Kehl (2008) não acredita que a travessia edípica esgotasse as forças da mulher, discordando de Freud, e aponta que para ela o envelhecimento precoce das mulheres vitorianas poderia ser entendido muitas vezes pelo excesso de filhos, o tédio doméstico, a deserrotização do casamento, do que pelo esforço a mais empreendido no Édipo.

Nasio (2007) considera que o período pré edípico é necessário para acessar o pai e para entrar efetivamente no Édipo, assim, sexualizando a mãe inicialmente, a menina poderá sexualizar o pai. Desta forma, diferente do menino que deseja apenas um único objeto sexual, ou seja, a mãe, a menina deseja ambos, primeiro a mãe em seguida o pai. Sendo assim o menino sai do Édipo mais rápido que a menina, que pode precisar de muitos anos para sair. O autor aponta que o menino se torna homem de uma tacada só e a menina se torna mulher progressivamente.

No momento que a menina se percebe sem o falo, ela se esquia da sua mãe e fica furiosa com o pai por ter sido privada e enganada, assim sentindo dor, e logo com o amor-próprio ferido sente-se também humilhada. Nasio (2007) explica que para a menina o falo não é o pênis, e sim a imagem de si. A mesma entra no Édipo e vai ao encontro do pai para pedir força, um curativo para seu narcisismo ferido.

O autor referido acima coloca que para ele, o que a psicanálise chama de “inveja do pênis” seria então “inveja do Falo” enfatizando que a menina não sente inveja do órgão peniano do menino e sim do símbolo e potência que ele representa aos olhos das crianças. O pênis em si não a interessa, o que interessa é o poder que lhe atribui, deixando a mesma com inveja. Quando a menina inveja, ela adota uma posição masculina, quando é desejante uma feminina. Na entrada do Édipo da menina, a mãe após ter sido afastada, volta à cena fascinando a sua filha com sua graça e feminilidade, agora é vista como mulher amada admirada e modelo de feminilidade.

Finalizando, Nasio (2007) apresenta que após ter sido identificada com os traços masculinos do pai e femininos da mãe, a menina enfim abandona o Édipo, abrindo-se para os futuros parceiros da sua vida de mulher. Ele destaca que a maioria dos autores concordam que a feminilidade permanece um enigma não resolvido. Concluindo que “o Falo é uma ilusão e a mulher é castrada tão somente na imaginação inconsciente das crianças e dos neuróticos” (p. 62).

Conclui-se este item com um questionamento que norteia o desenvolvimento deste trabalho: por que ainda hoje a cultura ocidental restringe a mulher não só ao papel do lar, mas principalmente à maternidade compulsória? Apesar de inegáveis avanços sejam eles através da psicanálise ou da luta dessas mesmas mulheres, porque a mulher continua sendo relegada ao mesmo lugar de “do lar” e sem desejos? Como quando ela se coloca em uma posição diferente da que esperam dela, ainda são colocadas em um papel de “loucas” ou como antes, histéricas, pela maioria dos homens. É preciso romper com essas amarras, para assim poder protagonizar a vida como seres desejantes da própria história e não do desejo de terceiros.

## **METODOLOGIA**

Para dar sustentação teórica ao estudo, primeiramente foi realizada uma pesquisa bibliográfica tendo como base os temas: feminismo, mulher, arte e psicanálise, em plataformas digitais e livros. Trata-se do primeiro passo em qualquer tipo de pesquisa científica, com o fim de revisar a literatura existente e não redundar no tema de estudo ou experimentação.

Portanto, a “revisão bibliográfica” ou “revisão de literatura” consiste numa espécie de “varredura” do que existe sobre um assunto e o conhecimento dos autores que tratam desse assunto, a fim de que o estudioso não “reinvente a roda”.

Num segundo momento, como parte principal do trabalho, foi realizada uma pesquisa documental, baseada nos filmes: “A Bela Adormecida” (1959) e “Malévola” (2014), ambos da produtora Walt Disney Pictures. Os filmes em questão foram assistidos pela Plataforma de filmes digital Disney Plus, e foi utilizada a Pesquisa Psicanalítica para direcionar as discussões, esta pesquisa caracteriza-se pela disposição do autor como principal participante do estudo, o campo de pesquisa é o inconsciente, tomando a perspectiva de sua posição como objeto da análise. Segundo Iribarry (2003), a pesquisa psicanalítica faz uso do significante como via para encontrar suas formulações. Estando o signo diretamente ligado à realidade de mundo, o mesmo encarcera o sujeito na consciência.



Desta maneira, o signo baseia-se em uma determinada lógica, prevendo certo conhecimento. Já o significante ultrapassaria o mundo vivencial da consciência, possibilitando-nos inferir sobre a experiência do inconsciente. Analisando como esses filmes podem vir a ter influência sobre a subjetividade de quem os assiste e como, em diferentes épocas, a história contada através da perspectiva de uma mulher pode ajudar a empoderar e sair do lugar de passividade onde os homens, durante anos, as colocaram e continuam buscando colocar.

As etapas de realização da pesquisa bibliográfica se deram através da escolha do tema, logo após um levantamento bibliográfico, seguido da formulação do problema e organização e discussão dos dados obtidos.

## **DISCUSSÃO**

Para este trabalho foram eleitos dois filmes: “A bela adormecida” (1959) e “Malévola” (2014), ambos da produtora Walt Disney Pictures. A escolha dos filmes se deu por tratar-se da mesma história, porém contada de perspectivas diferentes, o primeiro sendo baseado em um conto escrito por um homem, Charles Perrault e dirigido apenas por homens. E o segundo filme um remake do primeiro, porém com mais de 50 anos de diferença. A partir de um roteiro escrito por Linda Woolverton, primeira mulher a escrever um roteiro de filme para a produtora, baseado na história contada através da antagonista, uma das vilãs mais icônicas da Disney.

Os filmes foram assistidos diversas vezes para assim ter uma melhor compreensão através de um olhar e escuta atentos. No primeiro momento, do filme A Bela Adormecida, a sensação que tivemos foi de desconforto, pois a rainha não é citada com nome nunca, e os dois reis que decidem sobre o futuro de Aurora, sem sequer perguntar a ela absolutamente nada, já que era um bebê.

É importante ressaltar que “A Bela Adormecida” é um filme para crianças; “Malévola”, já se trata de um filme para toda família e traz essa releitura com uma mulher protagonista. Os contos de fadas fazem parte do inconsciente coletivo, são contados de geração em geração e a Disney foi se apropriando deles, colocando o amor romântico e a mulher submissa no centro, como é o caso da Bela Adormecida.

O que queremos comparar aqui, é que, como uma narrativa feita anos depois, e por uma mulher, coloca essa personagem, que até então era uma vilã, como uma protagonista forte, tirando o foco do amor romântico, e desse ideal de bem e mal, como visto em Malévola.

A nova versão de “A Bela Adormecida”, retratada em “Malévola”, se aproxima melhor da transformação que estamos vivendo, como mulheres e como sociedade, mostrando que não existem sempre finais felizes, e que somos capazes de procurar a nossa felicidade sozinhas, sem precisar de um príncipe ou uma muleta. Malévola perde suas asas, e neste momento ela poderia desistir de tudo, pois foi enganada por quem amava, mas o filme mostra uma resiliência da personagem que não se entrega e vai à luta pelo que acredita.

Apesar de os contos de fadas acabarem ao final de dez páginas, nossas vidas não acabam juntas. Nós somos coleções de muitos volumes. Na nossa vida, mesmo que um episódio represente um desastre total, sempre há um outro episódio à nossa espera e depois mais outro. Há sempre outras oportunidades para acertar, para moldar nossa vida do jeito que merecemos que ela seja. Não percam tempo amaldiçoando alguma derrota. O fracasso é um mestre mais eficaz do que o sucesso. Ouçam, aprendam, insistam (ESTÉS, 1992/2018, p. 253).

Não se pode negar, conforme Figueiredo e Rocha (2020), que os contos de fadas foram criados em um momento e numa sociedade diferente da que vivemos hoje. Naquela época as mulheres não tinham direitos e eram submissas aos homens. Faz-se necessário contextualizar as mudanças da sociedade no decorrer do tempo e na contemporaneidade, onde a mulher se apresenta buscando encontrar-se plena, sentindo-se feliz sozinha, se assim desejar.

Assim também como apontado por Estés (1992/2018), os contos que após o passar dos anos e avanços da tecnologia foram transformados em filmes, mostravam sempre um final feliz. Malévola vai para além disso. O filme começa com uma perda significativa para a personagem principal, suas asas são cortadas por alguém que ela considerava seu amor, o príncipe dos contos de fadas que se torna vilão. No desenrolar do filme, Malévola vai ressignificando o que é o amor e lidando com os obstáculos que vão aparecendo, até mostrar que o amor romântico não é o único possível para um final feliz. Vai tirando de cena a rivalidade feminina, tão presente no filme “A Bela Adormecida”.

Pensamos que muito da mudança de um filme para outro vem do olhar de quem o dirige e escreve. “Malévola”, que é o primeiro filme dirigido por uma mulher na Disney, nos traz um novo olhar sobre o amor, sobre precisar encontrar um homem para nos proteger, apresentando uma forma de empoderamento feminino. Uma nova forma de enxergar onde nós mulheres podemos nos encontrar, para além daquele lugar que por anos habitamos: de frágil e dependente de um príncipe para nos proteger e assim completar a felicidade.

Sobre empoderamento Freitas (2020), refere que no Brasil, este termo constitui-se como um neologismo, sendo um processo em busca da autonomia e autodeterminação de quem está à margem do poder. Visa a ruptura da dominação e subordinação de alguém sobre outro. No caso do empoderamento feminino, seria a libertação das mulheres da opressão patriarcal e de gênero. A autora também salienta que neste processo é necessário que homens e mulheres busquem uma sociedade igualitária e tolerante, principalmente com relação às diferenças.

Por isso, é preciso compreender que é um processo lento, pois deve resistir às rejeições, pois problematiza a ideologia patriarcal e as instituições conservadoras e oportuniza condições para as mulheres terem acesso a recursos materiais e de informação, possibilitando autonomia e independência (Freitas, 2020).

Ainda com relação à Linda Woolverton, esta coloca o homem como o vilão usando a metáfora de cortar as asas e no final do filme Malévola as recupera por mérito próprio. Mesmo o Rei contando com um grande exército, ela foi maior. Acreditamos que o ato simbólico de ter as asas cortadas e, após isso, lutar com o homem que as cortou vencendo o mesmo, é uma forma de tirar essa mulher, que antes era retratada como indefesa, desse lugar de inércia. Mostrando que não é preciso de um príncipe para salvar-se e o amor romântico não é o único possível para um final feliz, já que venceu um amor fraterno, quase um amor materno, pois Aurora se torna, por afeição, filha de Malévola, mostrando como a doçura de uma criança pode mudar a rigidez de um adulto, tirando também essa ideia de bem ou mal, tão presente no filme “A Bela Adormecida”.

Destaca-se neste momento, conforme Freitas (2020), o posicionamento de submissão da Bela Adormecida, quanto à concretização da sua felicidade apenas no matrimônio, em oposição à atitude empoderada de Malévola, que, por sua vez, protagoniza sua história e seu relacionamento.

Para Maria Rita Kehl (1988) “a sociedade, principalmente os homens, pedem que as mulheres ostentem as virtudes da feminilidade que seriam a docilidade, o recato, uma receptividade para os desejos dos homens e filhos” (p.58). Acreditamos que quanto mais a mulher conseguir se empoderar do seu papel e ser dona de seus desejos, a feminilidade pode passar a não ser entendida como fraqueza, mas como força, assim como o filme “Malévola” mostra.

Essa diferença de 55 anos de um filme para o outro apresenta uma grande mudança, não só nos recursos e na tecnologia, mas no empoderamento feminino. Gerações anteriores consumiam filmes, novelas ou livros romantizados e escritos, em sua maioria, por homens, determinando o papel que a mulher deveria ter para a sociedade. Cada vez mais a arte serve como instrumento para dar autonomia às mulheres e em Malévola, a mulher passa de vítima da situação para heroína, enfrenta sozinha não só o rei como um enorme dragão e vence. Acreditamos que essa metáfora é umas das mais fortes no filme, pois ela não é mais indefesa e consegue sozinha vencer um dragão. Suas asas voltam a ela como recompensa de seu esforço, retificando seu valor.

Bettelheim (1980/2021) aponta, que ao longo dos anos os contos de fadas vão se adaptando e tornam-se mais atualizados, surgindo como releituras, expondo questões da vida contemporânea. E como explicado pelo autor, através disso a criança se apropria para entender um pouco mais do mundo no qual viverá. Acreditamos que é de suma importância para as novas gerações, crescerem sem esse ideal de precisar encontrar um homem que as possa salvar. Essa nova forma de mostrar às mulheres através da arte, como ser forte, guerreira e dona de si, tira o viés antes muito utilizado e convenientemente bom para os homens, de que a mulher é indefesa e deve ser dona de um lar com filhos, para ter valor. Por isso, a necessidade de cada vez mais mulheres escreverem suas histórias, seja na arte ou na vida.

Colette Dowling (1984) traz em seu livro “Complexo de Cinderela” que os homens são educados para ter uma independência desde o nascimento, já as mulheres são ensinadas a crer que serão salvas, de alguma maneira. Ela afirma que isto é o conto de fadas, uma mensagem de vida que é ingerida, por mais que a mulher possa sair de casa, trabalhar, viajar, pois o conto de fadas está ali dizendo, aguento firme, um dia alguém virá salvá-la da ansiedade causada pela vida. Como mencionado acima, Malévola rompe com essa estrutura patriarcal, mostrando uma mulher que se salva por ela mesma e que é dona de si, sem precisar de um príncipe.

Para Jung e Schorn (2020) há uma nova geração de princesas que quebram conceitos antigos e mostram que nem todas as princesas precisam de um príncipe para ter uma história com final feliz. Princesas que possuem o direito de decidir o próprio futuro e assim contribuir para que as meninas tenham outra compreensão do papel da mulher na sociedade. Acreditamos e esperamos que as novas gerações venham cada vez mais empoderadas, crescendo sabendo do que são capazes, tendo uma visão para além do casamento ou maternidade. A arte tem um papel fundamental nisso, é nela que nos espelhamos quando crianças e começamos a pensar em nossos primeiros desejos.

Malévola, neste sentido, foi pioneira nos filmes infantis, sendo notável a mudança de comportamento das mulheres a partir das gerações, tendo a arte papel fundamental para que a mulher pudesse se identificar para além do que homens determinaram como comportamento aceitável para ela. Trouxe maior autonomia e representatividade para essas meninas que hoje assistem novos contos de fadas, com narrativas diferentes, mais atualizadas ao contexto que estamos vivendo como sociedade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho objetivou analisar a função das mulheres na sociedade ao longo dos anos a partir de dois recortes cinematográficos. Entende-se que é inegável a importância dessa desconstrução conceitual do feminino dos contos de fadas para as novas gerações. Sabemos que a representatividade é necessária para desde cedo começar a se enxergar como mulheres independentes.

Ao longo dos anos, a ideia da mulher indefesa vem se transformando, porém ainda há muitos caminhos a serem percorridos, mas acredito que a arte é uma boa ferramenta para a desmistificação do papel da mulher, antes decidido apenas por homens.

“Malévola” traz uma releitura que não empodera só as crianças, também as mulheres que ao assistir o filme conseguem fazer essa comparação com o conto de fadas, visto provavelmente na infância, onde a mulher é completamente indefesa. Refletindo sobre qual é o papel que queremos ter e de como hoje as novas gerações podem se espelhar em uma heroína que não fica dormindo esperando um príncipe vir salvá-la, elas mesmas conseguem fazer isso sozinhas.

Os contos de fadas em toda a história da sociedade sempre marcaram a infância. Mudando essa perspectiva, a criança poderá crescer sem esperar o príncipe de cavalo branco que a Disney apresentou por anos, colocando as mulheres com a única possibilidade de ser bela e submissa, para assim encontrar a felicidade em um casamento com o príncipe encantado. Poderá se identificar com uma mulher para além do ideal de bem ou mal, que consegue vencer e ter um final feliz sozinha.

Acreditamos que seriam de suma importância mais pesquisas sobre o tema proposto, em vista de que ainda são escassas as contribuições, sejam elas em artigos ou livros, procurando explorar saber mais sobre o assunto. Para assim poder, além de oferecer um embasamento teórico maior, também motivar a que novas versões de contos de fadas sejam criadas, visando a sociedade que nós mulheres queremos viver, sem tanta diferença social e podendo ocupar o lugar que cada uma assim desejar.

Consideramos também que os filmes são uma ferramenta potente para o fazer psi, pois ele pode ser usado como um dispositivo, para assim começar um debate, no consultório ou para além dele. Como por exemplo em escolas, o psicólogo poderá intervir com o seu saber, e escutar essas crianças para que elas possam se expressar de forma livre e sem julgamentos. Explicando que esse empoderamento, procura que a mulher escolha aquilo que quer, sem preconceitos, caso ela decida ser mãe, casar ou não, que seja algo que venha do seu desejo.

## REFERÊNCIAS

- Beauvoir, S. (1980). *O Segundo Sexo – a experiência vivida*. Difusão Européia do Livro.
- Bettelheim, B. A. (2021). *Psicanálise dos contos de fada (1980)*. Paz e Terra.
- Caffé, Mara (2020). Feminilidade e Maternidade. In: *Gênero de Teperman*, Garrafa e Iaconelli. Autêntica.
- Del Priore, M. (2020). *Sobreviventes e guerreiras: uma breve história das mulheres no Brasil de 1500-2000*. Planeta.
- Dowling, C. (1984). *Complexo de Cinderela*. Melhoramentos.
- Estés, C. P. (2018). *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias da mulher selvagem (1992)*. Rocco.
- Figueiredo, S. P.; Rocha, J. M. (2020). Perspectivas para o empoderamento da mulher através da releitura de clássicos infantis para séries iniciais do ensino fundamental. *Revista Monografias Ambientais*, 19. Recuperado em 14 de outubro de 2022, de <https://periodicos.ufsm.br/remoa/article/view/43392>.
- Freitas, M. C. C. Empoderamento Feminino e Literatura: Uma Proposta Didática Para o Ensino. *Anuário Literatura*, 25 (2), 203-221, 2020. Recuperado em 14 de outubro de 2022, em <https://t.ly/99f9>.
- Freud, S. (2020). *Amor, sexualidade, feminilidade*. Autêntica, 2020.
- Friedan, B. (2022). *A mística feminina (1963)*. Rosa dos ventos.
- Homem, M.; Calligaris, C. (2019). *Coisa de menina? Uma conversa sobre gênero, sexualidade, maternidade e feminismo*. Papyrus Editora.
- Ianini, G.; Tavares, P. H. (2020). *Obras Incompletas de Sigmund Freud Além do Princípio do prazer*. Autêntica.
- Iribarry, I. N. (2003). O que é pesquisa psicanalítica? *Agora: Estudos em teoria psicanalítica*, 6 (1) 115-138. Recuperado em 14 de outubro de 2022, de <https://t.ly/WSyl>.
- Jung, L. C.; Schorn, S. C. (2020). *A representação da personagem feminina nos contos infantis ao longo da história*. Salão do conhecimento: UNIJUÍ, 2020.
- Kehl, M. R. (2008). *Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. Bomtempo Editorial.
- Nasio, J. D. (2007). Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa. Rio de Janeiro: Zahar.
- Pinto, C. R. J. (2010). Feminismo, história e poder. *Revista de sociologia e política*, 18(36), 15-23, 2010.
- Wolff, C. S. (2012) Amazonas, soldadas, sertanejas, guerrilheiras. In *Novas histórias das mulheres*. de Pinsky, Carla Bassanezi, Pedro, Joana Maria. Contexto.

### COMO CITAR ESTE TEXTO

Osorio, C.; Bottoli, C. (2023). A resignificação do papel feminino na sociedade através dos contos de fadas “A Bela Adormecida” e “Malévola”. *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, v. 9, n.2, 43-66. <https://dx.doi.org/10.59068/24476137malevola>

RECEBIDO EM:19/10/2022  
APROVADO EM: 20/01/2023